

EXIGÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EJA

BERNARDINO, Adair José –PUC-PR – adairjb73@yahoo.com.br¹

EIXO: Educação de Jovens e Adultos/ n°. 06

Agencia Financiadora: Sem Financiamento

Resumo

O estudo apresenta uma reflexão sobre a Educação de Jovens, Adultos e Idosos a partir das exigências de formação de professores para essa modalidade de ensino. Busca se identificar, com base na forma em que a sociedade contemporânea está organizada, os elementos que podem contribuir para a formação do professor que trabalha com a EJA. As contribuições que os alunos trazem de suas vivências, inseridos em grupos sociais, culturais, políticos e religiosos, indicam uma possibilidade de organização do currículo para a efetivação do trabalho docente. Um segundo elemento que pode contribuir na formação do professor de EJA, são as contribuições que os movimentos sociais a que os alunos estão inseridos podem trazer para o campo de formação como meio de organização de uma educação pautada no acesso e permanência desse grande número de alunos que se encontram excluídos. Por fim, busca-se pensar na organização de um currículo que contemple as contribuições advindas das vivências dos alunos e o conhecimento produzido historicamente pela humanidade, bem como, as contribuições oriundas das parcerias entre governos, movimentos sociais e sociedade civil na formação do professor de EJA

Palavras-chave: Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Formação de professores; movimentos sociais

1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos se configura em um importante campo da área educacional para analisar e entender os processos de fracassos e sucessos na organização de políticas de acesso a educação e de formação de professores na sociedade contemporânea. É uma modalidade de ensino que historicamente foi tratada de forma compensatória nas políticas educacionais, o que resultou em um problema ainda não resolvido em pleno século XXI; evidente nos altos índices de analfabetismo que ainda hoje fazem parte da realidade educacional do país. As defasagens em relação

¹ Adair José Bernardino. Mestrando do Programa de Pós-Graduação da PUCPR. Especialista em Educação de Jovens e Adultos. Licenciado em Filosofia. Professor da Rede Estadual de Educação - PR

à formação do professor de Educação de Jovens e Adultos que ainda utiliza em sua prática educacional os mesmos métodos desenvolvidos na educação regular² e as poucas pesquisas e discussões relativas à educação de adultos, tanto em relação à formação do profissional, quanto em relação à produção de conhecimentos científicos e espaços de debates dentro das academias para essa modalidade de ensino nos cursos de licenciatura, podem ser entendidas como processos que ainda dificultam uma efetiva formação dos professores para trabalhar com os sujeitos da EJA. Dessa forma, como meio de superar uma prática educacional ligada a métodos utilizados nas outras modalidades de ensino, e até mesmo, através de discussões relacionadas à necessidade de uma avaliação do sistema de ensino formal, é que Arroyo(2005, p. 44) afirma que a

Superação de estruturas e lógicas seletivas, hierárquicas, rígidas, gradeadas e disciplinares de organizar e gerir os direitos ao conhecimento e à cultura é uma das áreas de inovações tidas como inadiáveis. Nesse quadro de revisão institucional dos sistemas escolares, torna-se uma exigência buscar outros parâmetros para reconstruir a história da EJA. Se a organização dos sistemas de educação formal está sendo revista e redefinida a partir dos avanços da consciência dos direitos, a educação dos jovens-adultos tem de ser avaliada na perspectiva desses avanços.

A educação de Jovens, Adultos e Idosos, pela sua especificidade, é uma modalidade de ensino que deve ser pensada de forma diferente das outras modalidades educacionais. São sujeitos que nas últimas décadas, tiveram o acesso garantido nas políticas educacionais, mas não tiveram a possibilidade da permanência, isso devido a vários fatores econômicos, sociais e culturais que interferem direta ou indiretamente no processo educacional. Assim, a formação do profissional da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, pode representar um importante fator para um possível sucesso das políticas de acesso e permanência para essa modalidade de ensino, pois ela pode representar o elo entre as políticas e uma possível efetivação dessas na prática pedagógica do professor. É através da ação consciente do educador, que sabedor dos problemas que impedem a permanência do educando em sala de aula, torna-se possível desenvolver um trabalho voltado para a realidade desse aluno, o que pode garantir a

² Aqui entendida como ensino fundamental e médio regular presencial em que o grande efetivo de participantes dessa modalidade de ensino são crianças e adolescentes, que apresentam comportamentos e ritmos de aprendizagem diferentes das dos Jovens e Adultos. Os alunos de EJA vivem em grupos sociais e culturais diferentes e em sua maioria inseridos no mundo do trabalho.

permanência desse grande efetivo da população brasileira que historicamente esteve excluído dos sistemas educacionais.

Pensar na formação do docente para a realidade da Educação de Jovens, Adultos e Idosos, é pensar nos sujeitos que historicamente tiveram seus direitos negados e que, o Estado enquanto aquele que, diante das necessidades e demandas da sociedade, deve pensar em políticas públicas que reparem essas defasagens do sistema educacional brasileiro, bem como, políticas para formação dos educadores que trabalham com essa realidade. Portanto, ao se pensar em políticas para a formação de docentes, é importante pensar que este docente está inserido em uma realidade específica, onde os sujeitos trazem contribuições de suas vivências que devem auxiliar o trabalho do educador. É nesse sentido que ao pensar em formação docente, Bannell (2001, p.122) diz que “É pensar que cada sala de aula está inserida em um contexto sociocultural, que é plural, marcado pela diversidade de grupos e classes sociais, visões de mundo, valores, crenças, padrões de comportamentos etc., uma diversidade que esta refletida na sala de aula”, realidade a qual o professor deve estar atento e que deve também nortear sua prática enquanto educador dessa realidade. Assim, como busca de um entendimento dessas realidades, dos sujeitos de direito da educação de Jovens, Adultos e Idosos, que inseridos em realidades diferentes, com culturas, valores, crenças e padrões de comportamentos também diferentes, é que se pretende discutir com base nas políticas públicas historicamente produzidas a formação do docente para a EJA.

Essa discussão, objetiva buscar subsídios teóricos na história das políticas públicas para formação dessa modalidade de ensino, na busca de fazer uma análise dos elementos pertinentes as características que a Educação de jovens, adultos e idosos adquirem hoje no Brasil e suas conseqüências diante das varias fazes de nossa história, como forma de entender as práticas docentes que permearam a EJA na sociedade contemporânea e os índices de analfabetismo existentes hoje no país.

2. Formação de Professores e Movimentos Sociais

Com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, surgiram novas realidades e a sociedade se estrutura de tal forma que, as práticas educacionais que em determinados períodos davam conta de uma possível formação para aquela realidade e para inserir o indivíduo de forma consciente na sociedade, com os avanços dessa sociedade as necessidades e as prioridades passam a ser outras que exigem uma nova

postura do educador, em relação a sua ação docente e novas habilidades para desenvolver um efetivo processo de acesso do educando na sociedade através da educação.

Segundo (BRASIL, 2002), diante dessa nova realidade, a atitude do professor deve ser de valorizar os conhecimentos e as formas de expressões que cada aluno traz de suas experiências de vida e dos grupos sociais e culturais a que estão inseridos, para que o sucesso no processo de socialização possa ser um grande aliado na garantia da permanência do jovem, do adulto e do idoso em sala de aula.

Para Arroyo, (2005, p.35),

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se pautar pelo diálogo entre os saberes escolares e sociais. Esse diálogo exigirá um trato sistemático desses saberes e significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimentos, significados e a cultura acumulados pela sociedade.

Somos herdeiros de um sistema educacional que ao longo de sua história homogeneizou uma prática educacional tradicional que determinava certa hierarquia entre aqueles que detinham o conhecimento enciclopédico historicamente produzido, os professores e o aluno, “Que deve obedecer sem questionar, sua real função no processo educativo, é realizar tarefas, preferencialmente sem questionar seus objetivos... Aos alunos cabe silenciosamente acumular as informações e sob a orientação do mestre memorizar definições, conceitos, enunciados de leis e realizar sínteses e resumos de grandes obras” (BERHENS, 2005, p.42)

As práticas pautadas na simples reprodução do conhecimento, enquanto verdades absolutas, já não dão conta da multiplicidade de saberes existentes na sociedade e, dessa forma, pode não mais representar um meio eficiente de promover uma educação voltada para as realidades específicas de cada educando.

Segundo PARANA (2005, p. 34)

Muitos dos adolescentes, jovens, adultos e idosos ingressam na EJA trazem modelos internalizados durante suas vivências escolares ou por outras experiências. O modelo predominante é o da escola com características tradicionais, onde o educador exerce o papel de detentor do conhecimento, e o educando de receptor passivo deste conhecimento. Com base nesses

modelos, muitos depositam na escola a responsabilidade pela sua aprendizagem. Há necessidades de romper com esses modelos e motivar a autonomia intelectual, a fim de que se tornem sujeitos ativos do processo educacional.

Os conhecimentos que estes trazem de suas vivências em grupos podem representar um importante fator no processo de formação do docente e um aliado significativo na formação do cidadão, enquanto participante ativo do meio onde vive e entendedor de si como sujeito histórico. Nesse sentido

A educação autêntica, repetamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. Um dos equívocos de uma concepção ingênua do humanismo está em que, na ânsia de corporificar um modelo ideal de “bom homem”, se esquece da situação concreta, existencial, presente, dos homens mesmo. (FREIRE, 1987, p.87)

Pensar a educação desses sujeitos que trazem para o ambiente escolar suas visões de mundo, concepções culturais, sociais, políticas e religiosas, advindas de suas vivências em grupos, é pensar possibilidades de organização de um currículo que contemple esses conhecimentos, essas práticas coletivas de entendimento de sua realidade, expressas nas manifestações diárias desses sujeitos. Se pensar o currículo “... enquanto conjunto articulado e normatizado de saberes, regidos por uma determinada ordem, estabelecida por uma arena em que estão em luta visões de mundo, e onde se produzem, elegem e transmitem representações, narrativas, significado sobre as coisas e seres do mundo.” (COSTA, 1998, p.41) A EJA é um campo fecundo e promissor para a realização de práticas educativas pautadas nos elementos que estão postos nessa “arena” e que devem ser analisados como possibilidade de organização do currículo para essa realidade que se apresenta em relação à educação dos jovens, adultos e idosos.

É necessário, diante da realidade de altos índices de analfabetismo, existentes hoje ainda no Brasil, pensarmos em atitudes no campo do currículo, que contemple os sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Esse currículo pode ser organizado de tal forma que, utilizando elementos da cultura dos sujeitos da EJA, os educadores

possam juntamente com esses, trabalhar os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade como meio para que o educando possa, a partir desses conhecimentos, entender e agir sobre sua realidade, bem como, compreender-se enquanto sujeito histórico que também produz conhecimentos.

Segundo Arroyo (2005) a EJA ao longo de sua trajetória histórica se debateu com essa delicada relação existente entre um diálogo que considerasse a importância do saber popular socialmente produzido e que o aluno tivesse garantido o acesso ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade. É nesse sentido que se percebe a importância da teoria desenvolvida por Paulo Freire, no sentido de se promover uma educação voltada para a realidade do educando e a importância da valorização dos elementos da realidade do aluno para a promoção de uma educação como prática da liberdade na busca da autonomia do educando.

Dessa forma o conhecimento das novas tecnologias presentes na sociedade contemporânea e a importância de um entendimento da aplicabilidade dessas tecnologias na vida das pessoas cria impreterivelmente a necessidade da formação do educador para essa realidade, no sentido de contribuir para o acesso do educando, principalmente jovem, adulto e idoso,³ aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade e a apropriação das novas tecnologias para sua integração na sociedade de forma consciente e no mercado de trabalho.

Assim, elementos importantes que podem contribuir para a formação do educador de jovens, adultos e idosos e possibilitar uma prática que leve em conta a diversidade cultural existente no ambiente escolar são: buscar entender a dinâmica dos movimentos sociais a que os alunos estão inseridos, movimentos estes que fazem parte do cotidiano do educando, que produz ações, formas de pensar e entender o mundo onde ele vive. Estes movimentos sociais, urbanos e rurais, se configuram em um importante campo de investigação quanto aos saberes produzidos em seu interior e a importância desses conhecimentos para a formação do educador da EJA, para a organização do currículo e principalmente para possibilitar o acesso e a permanência do educando nos sistemas de ensino.

Os movimentos culturais, presentes nos movimentos sociais representam assim, a base do conhecimento escolar na formulação de uma prática pedagógica voltada para a permanência do aluno em sala de aula e para a formação do educador enquanto aquele

³ Principalmente jovens e Adultos, pois em sua grande maioria, são eles que estão inseridos no mundo do trabalho e diariamente convivendo com estas tecnologias e a evolução das mesmas.

que faz a mediação entre o conhecimento que os alunos trazem de suas práticas cotidianas e o conhecimento historicamente produzido pela humanidade. A ação de mediação se torna característica importante na formação do educador enquanto integrado em uma ação maior que a de simplesmente reproduzir conhecimentos de forma mecânica, desvinculando da realidade, mas enquanto

“Agente facilitador e de informação de um processo que acontece e vai acontecendo na medida em que todos se envolvem com a construção de um contexto imaginário e dialógico de criação de um saber cultural vivenciado enquanto momento de cultura do grupo de alfabetizados” (BRANDÃO, 2003, p. 223 e 224).

Assim, as informações obtidas dos diferentes agentes do fazer pedagógico, com culturas diferentes e vindos de diferentes movimentos sociais, urbanos e rurais, com vivências construídas dentro desses movimentos, podem trazer contribuições para a efetivação da prática do docente que pretende desenvolver um trabalho crítico como forma de possibilitar o acesso e a permanência desse grande efetivo da sociedade brasileira, que por vários motivos foram expulsos dos bancos escolares e ainda vivem as margens do sistema educacional do país, mas que por motivos diferentes precisam retornar aos estudos, quase sempre por necessidades de se manterem no mundo do trabalho.

3. Formação continuada para professores de EJA

Pensa a formação do professor de forma geral e em particular a formação do educador de jovens, adultos e idosos, enquanto ação permanente, construída ao longo da vida, através de percepções diárias da realidade onde o educador está inserido e da percepção das mudanças pelas quais o mundo está passando é uma das exigências para essa modalidade de ensino. A esse respeito, Haddad afirma que a

Educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida, continuamente, é inerente ao desenvolvimento da pessoa humana e relaciona-se com a idéia de construção do ser. Abarca, por um lado, a aquisição de conhecimentos e aptidões e, de outro, atitudes e valores, implicando no aumento na capacidade de discernir e agir... Educação continuada implica repetição e imitação, mas também apropriação,

ressignificação e criação. Enfim, a idéia de uma educação continuada associa-se a própria característica distintiva dos seres humanos, a capacidade de conhecer e querer saber mais, ultrapassando o plano puramente instintivo de sua relação com o mundo e com a natureza. (2005, p. 191 e 192)

É construída dia-a-dia em sua atuação em sala de aula em contato com as várias realidades, saberes e culturas dos alunos, e mais do que isso, Freire propõe

[...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?(FREIRE,2006, p.30)

Todos esses questionamentos devem partir de uma leitura de mundo, na busca de perceber as necessidades e os instrumentos que os alunos devem dominar para conhecer sua realidade e perceber-se como sujeito dessa realidade para, de forma consciente, interagir enquanto sujeito, dentro de uma sociedade que está continuamente em transformação. O educador passa a ser o instigador, que juntamente com o educando produz os conhecimentos para o entendimento dessa realidade. É nesse sentido que a formação continuada se configura em um importante instrumento de percepção das mudanças que estão ocorrendo na sociedade e a utilização desses conhecimentos para, coletivamente produzir os conhecimentos que, de forma crítica, podem possibilitar o acesso da população jovem, adulta e idosa na sociedade de forma consciente.⁴

Segundo Behrens (1996, p.135) “A essência na formação continuada é a construção coletiva do saber e a discussão crítica reflexiva do saber fazer”. Ainda segundo Soares, se referindo ao Parecer11/2000, dos Fundamentos e da função da Educação de jovens e adultos, além das funções de reparação de direitos negados historicamente, da função equalizadora no sentido de propiciar oportunidades de acesso e permanência desse grande numero de sujeitos que não permaneceram nas instituições de ensino, existe também a função qualificadora

⁴ Consciente no sentido de saber-se conhecedor de suas ações e da importância dessas ações para sua atuação reflexiva enquanto sujeito de sua historia.

É a função que corresponde às necessidades de atualização e de aprendizagem contínuas próprias da era em que nos encontramos. Diz respeito ao processo permanente de “educação ao longo da vida”, para citar o relatório da Unesco (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) para o século XXI. (SOARES, 2002, p.13)

Assim, a formação docente deve partir do conhecimento da realidade a que o aluno está inserido e através de elementos dessa realidade organizar ações para melhorar sua prática pedagógica efetivada coletivamente e de forma permanente pelos atores participantes dessa ação. Segundo Freire (2006) o momento da crítica sobre a ação é fundamental, pois é através do pensamento crítico de hoje sobre a prática, é que se pode melhorar a próxima prática

O desafio então é pensar em formação continuada, tanto para o educador, quanto para o educando. O primeiro, através da análise de suas práticas desenvolvidas diariamente, que através da educação, leva o educando a assumir uma atitude de busca do conhecimento. Conhecimento este, organizado com base nos movimentos sociais, através dos elementos que estes movimentos trazem para o ambiente escolar diariamente e outros elementos necessários para sua integração no mundo do trabalho⁵.

As universidades se configuram num importante instrumento na formação dos docentes para a educação de Jovens, Adultos e Idosos, de forma que

A formação em nível superior, portanto, coloca-se como uma bandeira a ser implementada pela democratização do acesso, da permanência e da gestão desse nível de ensino como caminho fértil para a formação e a profissionalização. Considerando que a educação, como prática social, não se circunscreve apenas à escolarização, prática educativa institucionalizada, mas tem nessa o seu lócus privilegiado. (DOURADO, 2001, p.56)

As instituições de ensino superior, enquanto espaço de formação e produção do conhecimento pode ser pensada como uma possibilidade de produção do conhecimento para a formação dos docentes que trabalham com a realidade da EJA. Mas o que se percebe no Brasil, no entanto, é que essa afirmação está longe de representar uma

⁵ Elementos como o domínio de tecnologias e conhecimentos produzidos pela humanidade que os sujeitos devem dominar para se manter no mundo do trabalho. No entanto, esses conhecimentos devem sempre ser apreendidos de forma consciente, onde o educando, enquanto sujeito crítico, reflita sobre esse conhecimento e o papel dele, enquanto sujeito histórico dentro dessa sociedade.

realidade, pois segundo boletim da Ação Educativa (2004) no ano de 2003, dos 1306 cursos de pedagogia existentes no país, somente 16 oferecia habilitação em Educação de Jovens e Adultos. Desses apenas sete eram mantidos por instituições públicas de educação, os demais, segundo Soares (2005), eram mantidos por instituições privadas, reafirmando assim a importância da formação de grupos de discussão dentro das universidades, pois, segundo Cury, (Parecer 11/2000 p. 37) ⁶

As instituições que se ocupam da formação de professores são instadas a oferecer habilitação em seus processos seletivos. Para atender essa finalidade elas deverão buscar os melhores meios para satisfazer os estudantes matriculados. As licenciaturas e outras habilitações ligadas aos profissionais do ensino não podem deixar de considerar, em seus cursos, a realidade da EJA. Se muitas universidades, ao lado de Secretarias de Educação e outras instituições privadas sem fins lucrativos, já propõe programas de formação docente para a EJA, é preciso notar que se trata de um processo em vias de consolidação e depende de uma ação integrada de oferta dessa modalidade nos sistemas.

Elemento fundamental, em se tratando da importância das universidades nesse processo, é a percepção dos novos conhecimentos postos diante da realidade dos sujeitos da EJA. As instituições de ensino superior devem repensar organização de seus currículos incluindo a educação de jovens e adultos em todos os cursos de pedagogia, e pensar também, formas de abordagem dessa realidade dentro dos cursos de licenciaturas, pois esse profissional vai trabalhar com alunos da EJA dentro de realidades que precisam estar atentos para possibilidades diferentes de desenvolvimento de suas práticas educativas, bem como, discutindo as práticas pedagógicas como meio de melhorar os métodos de alfabetização de jovens, adultos e idosos.

4. Considerações Finais

Enquanto sujeitos, que na história da educação tiveram seus direitos negados, a Educação dos Jovens, Adultos e Idosos se encontra diante de antigos e novos desafios postos como forma de repensar a educação como um todo no Brasil. Existe um sistema que alimenta essa modalidade de ensino, visto que diante de uma preocupação que vem

⁶ Parecer que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

desde o início do século XX com necessidade da erradicação do analfabetismo no país, ainda nos encontramos diante de índices alarmante de uma grande parcela da população brasileira que ainda não tem acesso ao mundo letrado, e que por isso, se encontram em situação de exclusão dentro dessa sociedade.

Universidades, governos federais, municipais e estaduais, juntamente com movimentos sociais, urbanos e rurais bem como educadores e educandos e sociedade civil como um todo, em parcerias, podem repensar políticas e práticas que levem em consideração a formação do professor para essa modalidade de ensino dentro do atual processo de desenvolvimento da sociedade de forma que, os sujeitos da EJA tenham a possibilidade de acesso e permanência nos sistemas de ensino.

Enquanto sujeitos de direito e com consciência de que a educação é um ato permanente, se pensa uma educação onde os educandos da EJA não se limitam apenas ao saber ler e escrever, mas seres de autonomia, pois segundo Freire (2006, p.129) “Nenhuma teoria da transformação social do mundo me comove sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores de história e por ela feitos, seres de decisão, da ruptura, da opção.”

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez . *Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. In: Leôncio Soares; Maria Amélia Giovanetti; Nilma Lino Gomes. (Org.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BENNELL, Ralph Ings. *A formação discursiva do professor e a (re) construção crítica do saber pedagógico*, In. *Movimento: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense* nº. 4 Niteroi, Set. 2001.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*, Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, *A pergunta a varias mãos a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo, Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Proposta curricular para educação de jovens e adultos*. Volume 1. Brasília, 2002.

COSTA, Maria Vorraber. *Currículo e política cultural*. In: *O Currículo nos Limares do Contemporâneo/ Marisa Vorraber Costa (org.)* Rio de Janeiro: DP&A, 1998

DOURADO, Luiz Fernandes. *A reforma do Estado e as políticas de formação de professores nos anos 90*. In: *Políticas Públicas e Educação Básica (org.)*, São Paulo, Xamã, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 2006

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HADDAD, Sergio. *A educação continuada e as políticas públicas no Brasil* in: Educação de Jovens e Adultos- Novos leitores, novas leituras/ Vera Masagão Ribeiro (org.) Campinas-SP, Mercado de Letras, 2005.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos – Versão preliminar*, Curitiba, 2005.

SOARES, Leôncio. *Educação de jovens e adultos*, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.